ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

# SER O NÃO SER DO INDÍGENA BRASILEIRO

Nilsa Andréa dos Santos

BIBLIOTECA
CEULAR
Campus Universitário de Pontes e Lacerda MT
Reg Nº: 5905
Data 26 / 01 / 00

Pontes e Lacerda, Novembro de 1999.

Turma 1999/2 Ex. 01

# SER O NÃO SER DO INDÍGENA BRASILEIRO

Por

Nilsa Andréa dos Santos

Ensaio Monográfico apresentado ao Curso de Graduação em Letras da UNEMAT (MT), como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado em Língua Portuguesa e Literaturas.
Orientadora: Ediliane Gonçalves

Pontes e Lacerda, Novembro de 1999.

*Meu pensamento*
*fala francês*
*Meu corpo*
*fala italiano*
*Minha alma que é branca*
*fala latim*
*E as outras que as tenho muitas*
*falam tantas e outras línguas*
*Mas meu silêncio*
*é brasileiro.*

Eni Orlandi

*Dedicatória*

*Dedico este trabalho à minha querida mãe e ao meu noivo Antônio pelo apoio e incentivo que me deram ao longo desta caminhada . Graças e eles realizo mais um dos meus sonhos.*

*Agradecimento*

*Quero externar toda minha gratidão a Deus, pois ele me concedeu graça em todas as minhas conquistas. Eu nada faria se não fora segundo a sua vontade, sem o seu consentimento.*

*Ao Deus criador e doador da vida, àquele que detém toda a sabedoria e todo o conhecimento, agradeço, porque em todos os momentos esteve comigo me guardando e protegendo, dando-me força e iluminando-me para que eu pudesse transpor todos os obstáculos. Por isso agradeço e ofereço a Ele tudo o que alcancei como forma reconhecimento pelas bênçãos recebidas.*

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....2

QUADRO TEÓRICO.....6

SITUAÇÃO HISTÓRICA: ROMANTISMO.....12

PENSANDO EM IRACEMA.....18

PENSANDO EM PERI.....19

SER O NÃO SER DO INDÍGENA BRASILEIRO.....20

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....34

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....35



Campus Universitário de Araguaína e Palmas - TO
BIBLIOTECA

# APRESENTAÇÃO

O presente estudo escolhe como campo de pesquisa para realização do ensaio monográfico, o Romantismo. Movimento literário, cuja origem está condicionada às influências provocadas por acontecimentos de ordem econômica, política, social e histórica. Tais acontecimentos eram como dicionários que traduziam os desejos de independência, que a "inteligência brasileira" já expunha nas últimas décadas do século XVIII.

O Romantismo consubstanciou como escola e como esboço de literatura de cunho nacionalístico, graças à repercussão dos ideais da nova classe, a burguesia. E particularmente para escoroar os últimos vestígios do domínio repressor medieval, sobre a sociedade e, consequentemente sobre toda e qualquer forma de manifestação artística, (SODRÉ, 1995). A partir destes raciocínios dados Coutinho afirma que o Romantismo Brasileiro foi o marco inicial da nossa autonomia literária e também da conquista da liberdade e da expressão de pensamento, que possibilitou o aceleramento e a progressão elevada do mais revolucionário processo literário, (COUTINHO, 1997). Inicialmente esse processo abriu um leque de abordagens temáticas, que retratavam o momento histórico-social, porém mais tarde o Romantismo Brasileiro ganhou uma nova face, a nacionalista.

A geração nacionalista exaltava os indígenas num contexto bem natural, onde era exposto como pano de fundo o tom colorido brasileiro. O nativo brasileiro era, na sua essência, a expressão pura da nacionalidade brasileira, (COUTINHO, 1997).

Escolher estudar o Romantismo em si, é um objeto bastante complexo e extenso

a meu ver, por este motivo, me vi impelida a delimitar meu objeto de pesquisa, porém antes, devo discorrer sobre indianismo brasileiro, para melhor compreensão desta análise. Para maior clareza do meu trabalho, quero expor desde já, meu enfoque que, está centrado na perspectiva romântica, mais precisamente na figura do indígena brasileiro. Tendo apresentado o referencial da pesquisa, que realizei, me é conveniente partir para a breve abordagem, à qual fiz referência anteriormente.

Na perspectiva romântica, o indianismo brasileiro teve um significado importantíssimo na construção de uma literatura nacionalista, tendo em vista que o índio era considerado expressão natural da nação e também como símbolo da tradução da independência literária. Nacionalismo e indianismo, no sentido carregado de ideologia, se confundem, pois o índio brasileiro passou a ser símbolo nacional, (COUTINHO, 1997).

Partindo destas breves considerações sobre Romantismo/Indianismo, me propus neste ensaio monográfico, a analisar como é construída a figura do indígena brasileiro, nos romances "O guarani" (1856) e "Iracema" (1864), ambos de José de Alencar. Este trabalho de análise deve ser considerado a partir de dois ângulos que partem da mesma vertente, o indianismo romântico. No primeiro, a perquirição será centrada no período que foram desenvolvidos os dois romances que serão o "corpus" em análise. A investigação partiu das influências que determinaram a criação dos protagonistas nativos brasileiros, das obras alencarianas. Já no segundo ângulo busquei a importância do herói brasileiro para a literatura do país. A partir de um estudo minucioso sobre a personificação do índio, busquei traçar um paralelo das semelhanças e diferenças existentes nos personagens indígenas das obras supracitadas.

A tarefa à qual me propus, se fez necessária para maior entendimento e

compreensão da construção de uma literatura como a personalidade nacional, num esforço de auto-afirmação e de negação aos valores portugueses. É relevante também, conhecer profundamente o indianismo, fruto da maturidade e da autonomia da literatura do Brasil, sob olhar de uma perspectiva sócio-histórica.



Campus Universitário [illegible] Letras e Cultura - MT
BIBLIOTECA

# QUADRO TEÓRICO

Para efetivar a tarefa científica a que me proponho é necessário fazê-la a partir de dispositivos teóricos, que perfazem como ponto de articulação das tendências científico-filosóficas inscritas sócio-historicamente. Perpassadas por um quadro epistemológico cingido a diferentes regiões do conhecimento, as teorias sócio-históricas, como ponto de reflexão, preocupam-se sobremodo com a análise dos processos social e histórico, que determinam a constituição do sujeito. A partir da observação voltada para a zona de intersecção, implica dizer que, o homem como sujeito, modifica-se e simultaneamente modifica o meio onde vive, (PINO, 1991). Seguindo esta linha de pensamento, a interação social é o ponto decisivo do caráter existencial do sujeito, consolidado unicamente pela relação necessária do homem com o homem e em última instância com o meio, seja ele natural ou cultural, (PINO, 1991).

Operando com o aparato teórico proposto pelas tendências científico-filosóficas inscritas na história, a Análise do Discurso (AD) concebe sujeito constituído sócio-historicamente, pois ele se faz na história, lugar da mútua afetação, onde ambos se determinam num processo discursivo de construção. O sujeito da AD é um conceito teórico, uma representação que nada tem de empírico. Nas palavras de Orlandi (1996) *sujeito é um lugar de significação historicamente constituído*[1], levando-se em consideração dois aspectos indispensáveis na construção do sujeito, o lingüístico e o histórico. Deste modo, a AD introduz o sujeito de forma descentralizada, já que este se

[1] ORLANDI, Eni P. Discurso e Leitura. P. 37. Cortez Editora_São Paulo:1996.

apropria do dizer num movimento social, entretanto este sujeito tem a ilusão de ser a origem do discurso (do dizer), *ilusão necessária*[2], segundo Orlandi.

Considerando a reflexão histórica social como componente fundamentador deste ensaio monográfico, para analisar a construção do sujeito indígena nos romances de José de Alencar, "Iracema" e "O guarani," é imprescindível buscar a inclusão de noções sobre literatura, na qual estão inseridas as obras em análise.

Como campo de análise, a literatura num sentido complexo e considerado como "produto social," cuja denominação sofreu diversas alterações ao longo de sua história. Desde sua origem, a literatura marca existência histórica da civilização. (SOUZA, 1995). Tradicionalmente, literatura é conceituada como representação e visão de mundo, a partir da ideologia que norteia seu criador, (FILHO, 1995).

Dada a reflexão sobre história como núcleo da proposição de análise da construção do sujeito indígena nos romances alencarianos,, a literatura faz parte do processo sócio-histórico da civilização, cuja essência das produções literárias estão entrelaçadas num processo que parte da ação particular do homem para a geral, onde ele toma para si, o mundo, num ato de posse. Sob o olhar da perspectiva histórica, literatura é o desenvolvimento da intelectualidade da nação, partindo de idéias amadurecidas e bem nacionalistas, (SODRÉ, 1995).

A partir da conceituação de literatura acabei por comprometer antecipadamente noções primárias sobre Romantismo Brasileiro, haja vista a estreita relação do meu objeto de pesquisa com o movimento literário supracitado.

O Romantismo surgiu como escola literária no final do século XVIII, entretanto ganhou prestígio no século XIX, graças à Revolução Francesa que destituiu os últimos indícios da existência da "Era Feudal", e veiculou com sucesso as idéias que

[2] ORLANDI, 1996_op. cit. p. 19.

configuravam a bandeira burguesa. O movimento romântico era a retratação dos valores e do cotidiano dessa sociedade ascendida, tendo em vista que ela era reflexo das influências dos acontecimentos sociais, históricos e econômicos, que cingiam o triunfo burguês, (SODRÉ, 1995).

Originalmente, o Romantismo no Brasil irrompeu como reação negativa a Portugal e aos moldes clássicos, mas principalmente como realidade patriótica, oriunda de pensamentos próprios de brasilidade. Na ânsia, de buscar os ideais da nação recém emancipada e de solucionar os problemas políticos, a escola romântica, envolta a este, tornou-se o ambiente propício para a criação de uma literatura de cunho nacionalístico, (COUTINHO, 1997).

Para melhor distinguir o Romantismo Brasileiro da escola literária que o antecedeu, basta observar as características que segundo Sodré define-o como movimento: busca da imaginação; primazia pela sensibilidade e emoção; rompimento com o paganismo e moldes clássicos; culto a Deus; exploração da natureza; exaltação do eu; busca por moldes nacionais e etc., (SODRÉ, 1995).

Em evidência, o Romantismo ganhou um novo público, constituído pela mulher e pelo estudante no contexto urbano social burguês. A sociedade (público) aqui também no auge do seu desenvolvimento, associava as manifestações literárias ao conceito descentralizado do que seja arte no seu sentido filosófico. Conceito este, que variava entre divertimento, busca de sonho, evasão da rotina a outras definições menorizadas, (SODRÉ, 1995). Filosoficamente, arte é a multiplicidade de possibilidades intuitivas de visualizar o mundo, (ARANHA & MARTINS, 1996). Sob esta ótica, através de uma obra de arte são dados significados reais ao mundo, que são entendidos pelo público-alvo através de marcas deixadas para a atribuição de sentidos nela expressos pela

sensibilidade perceptiva de seu criador. Arte num sentido restrito é a percepção sensível do homem (artista) de se ver o mundo. É nesse sentido que para entender arte é tremendamente necessário aprender sentir; (ARANHA & MARTINS, 1996). Essa última afirmação se efetiva na estreita relação do homem com o mundo, isto é, entre sujeito e o objeto.

Explicitando um pouco mais sobre arte, que Sodré afirma veemente que literatura é a forma universalizada de concretização de arte, pois através da linguagem literária existe uma organicidade que lhe é peculiar. É nesse sentido que o romance é considerado como "forma de arte", na qual é indiscutível a participação ;intima do leitor. Entretanto essa participação do público-leitor foi determinada apenas pelo brotar da ficção romântica sob a forma de folhetins e seriados.

Com o expressivo desenvolvimento da imprensa periódica, o Romantismo Brasileiro ganhou uma grande aliada, pois através de encartes conhecidos como folhetins, foram veiculados capítulos de romances ficcionais que apresentavam temas e formas caracterizadoras da estética romântica. Essa estratégia de divulgação foi um grande sucesso, uma vez que os folhetins agradavam e conquistavam cada vez mais um grande número de leitores. Além disso, propagavam a nova visão literária e a criação estética do movimento.

Dada a aceitação alcançada através do folhetim, a ficção romântica expunha o cenário de forma que o gênero fora extremamente prestigiado pelo leitor. Esse foi o instrumento (o folhetim) pelo qual José de Alencar introduziu os alicerces do romance nacional num esforço de afirmação literária, onde ampliou o quadro de um Brasil natural, do interior do sertão e do índio, seguindo é claro, as influências do momento. Verifica-se que, com essa ampliação, a busca, tanto de aspectos urbanos quanto de

sertanejos, deixando claro objetivo de insistir na criação da literatura nacional, (SODRÉ, 1995).

No decênio de 60, com efeito, surgiu como ficção romântica "Os Timbiras", de Gonçalves Dias e "O Guarani", de José de Alencar, com uma abordagem temática indianista. Essa tematização foi inaugurada em grande estilo, no qual o indígena brasileiro tornou-se o grande herói brasileiro. Foi seguindo essa mesma linha temática (indianismo) que Alencar lançou o romance "Iracema" no ano de 1865, (SODRÉ, 1995). "O Guarani" e "Iracema", serão o campo da análise do ensaio monográfico proposto no projeto de pesquisa, por isso buscarei relatar um pouco do contexto exposto nesses romances de ficção indianista. Essas considerações serão por mim apontadas como aprofundamento que beneficiará e enriquecerá a confecção deste trabalho.

"O Guarani" foi organizado em quatro partes, as quais foram intituladas como: "Os aventureiros", "Peri", "Os aimorés" e "A catástrofe". Tais partes eram compostas por capítulos curtos (ponto-chave que favorecia a publicação nos folhetins), que totalizavam 54 no todo. A história desse romance se dá às margens do Paraíba e tem como protagonistas o índio "Peri" e a bela "Ceci", filha de D. Antônio de Mariz. Num primeiro momento há uma descrição da fortaleza de D. Antônio e depois surgem os personagens de Dª Lauriana, Ceci, Isabel, D. Diogo, o escudeiro Aires Gomes, Peri, e os aventureiros que estão sob o comando de D. Álvaro. Dentre esses aventureiros destaca-se a figura vilã de Loredano, que desejava Ceci com loucura. É válido ressaltar que Peri dedicava-se incondicionalmente à heroína (Ceci), tanto que chegava à adoração, enquanto que Álvaro a amava. No triângulo amoroso em torno de "Ceci" representado por "Peri" (Adoração), Álvaro (Amor) e Loredano (Gozo), é que a história se desenvolve.

Já "Iracema" tem como cenário o Ceará, mais precisamente a tribo dos Tabajaras. A história desenvolve-se em torno da protagonista Iracema e de Martim. Iracema, índia considerada deusa por sua tribo, apaixona-se por Martin (um português) e desafia a todos por esse amor. Desse romance nasce um filho, que é levado pelo pai para Portugal após a morte da mãe, Iracema.

Nesses dois romances indianistas, busco analisar, a partir de aparato teórico como é constituída a figura do índio (Peri e Iracema). já que em "O Guarani", o indígena vive em contato direto com os europeus, isto é, num ambiente carregado de influências e de costumes do homem branco. Em contrapartida, a índia "Iracema" estabelece seus primeiros contatos com os europeus, porém vivendo no meio que lhe é natural.

# SITUAÇÃO HISTÓRICA: ROMANTISMO

A organização desta análise sob a construção do índio na Era Romântica, está centrada num espaço de tempo denominado histórico. Assim procurei captar a situação histórica que determinou as mudanças sociais, políticas, econômicas e principalmente as literárias, isto é, as transformações que provocaram o aparecimento do Romantismo e a decadência do período anterior.

Ao longo dos séculos que constituíram o período histórico conhecido como Idade Média, o Feudalismo dominou como sistema sócio-político-econômico. Esse sistema de organização social surgiu por volta do século VIII da Era Cristã, após a fragmentação do Império Carolíngio. A alta nobreza usurpou-se do poder quando percebeu a dissolução eminente deste império, que jazia sob os escombros de sucessivos acontecimentos marcados pela debilidade política, (ARRUDA & PILETTI, 1998).

Aos poucos a Europa adquiriu uma nova face e em seu território os feudos irromperam assustadoramente. A sociedade feudal em sua essência apresentava-se ligada à idéia de obrigação que deveria advir das classes que a compunham. Considerando sua organização social dividia-se em três classes básicas, encontrávamos no ápice da estrutura a alta nobreza, sendo subseqüente a baixa nobreza, vindo em seguida a classe de trabalhadores, que viviam num regime de semi-escravidão, uma vez que elas não eram remuneradas pela função exercida. Eram o sustentáculo da parca economia feudal, baseada na agricultura, entretanto no final do século XI, o Feudalismo dá sinais de esgotamento, basicamente pelo aumento da improdutividade, devido à revolta da classe trabalhadora e ainda pela fuga generalizada dos servos dos feudos,

(ARRUDA & PILETTI, 1998).

Conseqüentemente, a crise financeira da sociedade feudal trouxe consigo os primeiros sinais do surgimento do capitalismo. Esse sistema monetário desenvolveu-se pelo conceito comercial, pois está estreitamente relacionado à existente supremacia do capital mercantilizado sobre a produção. Esta por sua vez está subordinada ao capital comercial. Dessa forma o lucro concentrava-se nas mãos dos comerciantes e de negociantes intermediários, de forma que os cofres dos produtores permaneciam vazios. Este tipo de negociata garantia o acúmulo de capital proveniente do lucro obtido no comércio e não na indústria como era previsto. Tal processo de acúmulo de capital desencadeou a famosa Revolução Industrial, (ARRUDA & PILETTI, 1998).

A revolução industrial iniciou-se na segunda metade do século XVIII na Inglaterra com o transparente objetivo de investir o capital acumulado do comércio na produção. Ao atingir êxito, a industrialização se impõe e domina tanto a produção quanto a circulação dos produtos no comércio. Nesse período instaurou-se o trabalho assalariado, ocasionando prejuízos aos artesãos e ainda separou os produtores da classe trabalhadora. Essa política, no século XIX ganhou o mundo, tanto que vários países lutavam para garantir a posição de país industrializado.

Enquanto a Revolução Francesa desenvolveu-se na Inglaterra, a França também fazia sua revolução, estas trouxeram em si identidade própria manifestada pela conquista de poder pela burguesia, a qual contou com participação de camponeses e artesãos na batalha contra as instituições do antigo regime e na caminhada rumo ao capitalismo industrial. A Revolução Francesa derrubou a aristocracia com seus privilégios feudais e provocou inquietações sociais nos países onde essas idéias revolucionárias repercutiram, inclusive no Brasil com a Inconfidência Mineira,



Campus Universitário de Rondonópolis e Jaciara - MT
BIBLIOTECA

(JÚNIOR & CAMPADELLI, 1990).

Aliadas, a Revolução Industrial e a Francesa ruíram com o absolutismo europeu e estimularam a livre iniciativa, forjicando o individualismo econômico e o liberalismo, dando estímulos nacionalistas. Dadas as mudanças, o homem se vê numa posição crítica de compreender e até mesmo de assimilar a nova situação, produto das revoluções. Dentro do contexto capitalista, esse homem tem dificuldades de acompanhar o ritmo de produção, isto é, do todo, e com isso sua chance de criação fica bastante avariada e reduzida, (SODRÉ, 1995).

É dentro deste quadro histórico, que se desenvolveu o movimento literário, que é ponto central deste ensaio monográfico, o Romantismo. Tal movimento tinha conexão direta com as manifestações burguesas decorrentes das revoluções, tanto que Candido afirma que: *literatura é um produto social exprimindo condições de cada civilização em que ocorre*[3], (CANDIDO, 1965). A afirmação desse renomado crítico é bastante significativa, uma vez que entender o Romantismo é entendê-lo a partir de um todo, que revelou-se como estímulo rebelde, insatisfeito com o sistema existente de forma que repercutiu o anseio de renovação e abriu espaços para elementos que nunca fizeram parte do universo literário.

O Romantismo foi inaugurado no século XVIII na Alemanha por Johann Wolfgang Goethe, com a publicação do romance "Os sofrimentos de Werther", o qual apresentou características fortíssimas desse novo movimento literário. No princípio do século XIX, a Inglaterra destaca-se com a poesia ultra-romântica de Lord Byron e com o romance histórico "Ivanhoé", de Walter Scott. Ainda que a Alemanha e Inglaterra fossem os primeiros países a divulgar a tendência romântica, coube à França a propagação do Romantismo no Brasil, (COUTINHO, 1997).

Cronologicamente o Romantismo no Brasil iniciou no ano de 1836 com a publicação do livro de poesias românticas intituladas "Suspiros Poéticos e Saudades", de Gonçalves de Magalhães. A introdução dos conceitos românticos num país recém independente (1822) coincidiu com a urgente necessidade de auto-afirmação da jovem nação brasileira.

*O Romantismo foi no Brasil um vigoroso esforço de afirmação nacional* (...) *da construção de uma consciência literária*[4], (CANDIDO, 1965). Essa afirmação advinha do clima de conquista da Independência, que impulsionou o surgimento de uma literatura autenticamente nacional, que fosse de temática e de linguagem brasileira, de modo que abandonasse o tom e o estilo português em benefício do tom colorido das paisagens do Brasil (BOSI, 1996).

A escola romântica foi favorecida com a chegada da Corte para o Brasil, pois D. João VI ao fixar residência no Rio de Janeiro, implantou medidas que aceleraram o desenvolvimento cultural do país, são elas: reforma do ensino, criação de Universidades de Direito e Medicina, instalação da imprensa e instalação de bibliotecas públicas. Essas medidas foram propícias à divulgação do Romantismo em todo o país, de forma eficaz e necessária para a criação de uma nova literatura.

Com a instalação da imprensa tornou-se possível a divulgação das obras através do folhetim, encartes de jornal, onde eram publicados capítulos dos romances; buscava alcançar o maior número de leitores e com isso maior a possibilidade de tornar conhecida a nova estética com a cara do nacional, (SODRÉ, 1995). O melhor exemplo de romance publicado em folhetim foi "O Guarani", que alcançou tanto sucesso que os

---

[3] CANDIDO, Antonio. Literatura e Sociedade/estudos de teoria e história literária. p. 19_Cia Editora Nacional. São Paulo: 1965.
[4] CANDIDO, 1965_ op. cit. p. 119.

leitores aguardavam ansiosos a próxima edição para lerem as aventuras do índio "Peri" e sua adorada "Ceci".

Com objetivo de exaltar a pátria e de negar a marca lusitana, assim como os moldes da escola anterior, o Romantismo surgiu como manifestação histórica do Brasil, considerando a luta pela autonomia social, econômica, política e cultural do país em relação a seu colonizador Portugal, (COUTINHO, 1997). O Romantismo promove o nacionalismo e a exaltação da natureza, sem esquecer da sociedade da época, que segundo Sodré *...burguesia e Romantismo, pois, são como sinônimos, o segundo é a expressão literária da plena dominação da primeira*[5]. O historiador vai além na sua abordagem conceituativa do Romantismo, tendo em vista que o movimento só é explicado se associado ao quadro histórico, no qual ele se processou, (SODRÉ, 1995).

Considerando o momento histórico que desenvolveu o Romantismo é inevitável fazer uma abordagem das fases que perfazem esta escola literária como um todo carregado de significados ideológicos. Como esse movimento revelava traços peculiares, a primeira geração ficou conhecida por nacionalista / indianista, porque trouxe na sua essência, a exaltação da pátria, na figura do índio - o herói nacional - o qual é o objeto central desta análise. Em subseqüência está a segunda geração chamada de "mal do século", caracterizada pela negatividade e exaltação da morte, Em seguida está a geração conhecida como "condoreira" caracterizada pela abordagem social e libertária. Esta geração começava a buscar os conflitos sociais de forma que apresentava ares de negação ao Romantismo, entretanto os condoreiros eram românticos nas formas.

Na classificação cronológica dos períodos literários, o Romantismo encerrou-se em 1881 com a publicação de "Memórias Póstumas de Brás Cubas", de Machado de

---

[5] SODRÉ, Nelson Werneck. História da Literatura Brasileira. p. 189. Bertrand Brasil. São Paulo: 1995.

Assis, que apresentava um contexto extremamente realístico e a estética de uma nova formação literária. Assim o Romantismo, movimento literário que mais se produziu no Brasil e ainda ganhou o título de primeira escola que buscou conquistar a autenticidade literária, se despediu da nação exaltada nas milhares de linhas produzidas com suas formas e destaques.

## PENSANDO EM IRACEMA

A história do romance "Iracema" de José de Alencar desenrola-se no interior das florestas do Estado do Ceará, precisamente na tribo dos Tabajaras. O romance apresenta o idílio de Martim, o português e Iracema, a índia.

Iracema índia nobre por ser a filha do chefe dos Tabajaras, ainda uma criatura especial por guardar o segredo de Jurema e de uma rara beleza entre seu povo. Esta bela índia estava a se banhar num riacho e surpreende um guerreiro branco a contemplá-la e o leva como hóspede da tribo de seu pai. Após alguns dias na aldeia dos Tabajaras, Martim percebe o encantamento de Iracema por ele e a admira como guerreira de seu povo.

Com o passar do tempo Martim, saudoso decide ir embora. Então Iracema e seu irmão acompanham-no para fora dos limites da aldeia e a índia caída de amores pelo estrangeiro lhe entrega o coração permanecendo ao lado dele durante toda a viagem. Assim Iracema abandona seu povo, sua casa e seu pai para ser a esposa do guerreiro branco.

Ao findar a caminhada Martim constrói uma cabana para ele e sua adorada esposa Iracema, e segue para derrotar seus inimigos, deixando sua dócil e obediente mulher grávida. No tempo de ausência de Martim, Iracema dá a luz a um saudável garoto que foi chamado por ela de Moacir. Em meio à solidão e à saudade do esposo, Iracema adoece, embora muito fraca cuida do filho e espera o marido.

Numa noite Martim ouve na sua alma o choro de Iracema e volta para junto da esposa. Ela num ato de amor entrega ao pai o filho recém-nascido e morre. O guerreiro branco leva o filho das praias do Ceará, assim o menino Moacir imigra de sua terra, simbolizando a predestinação de uma nova raça.

## PENSANDO EM PERI

No cenário magnífico e selvagem do Brasil do século XVII, encontra-se "Peri" e "Ceci" para viver uma cativante história de amor. As primeiras cenas da obra são descrições da localidade, isto é, do Paquequer e em seguida a apresentação dos personagens que compõem o enredo: "D. Antônio de Mariz, Dª Lauriana, Cecília, Isabel, D. Diogo, o escudeiro Aires Gomes, Peri, Álvaro e Loredano".

Peri, índio que morava com a família Mariz, tinha uma dedicação especial por Cecília, tanto que ela era a deusa de seu pequeno mundo que era iluminado pelo sorriso da menina. Todos compreendiam sua adoração exceto Dª Lauriana, mãe de Cecília.

Um dia ao anoitecer chegou à casa de D. Antônio uma caravana de aventureiros chefiada por Álvaro que secretamente amava Cecília. Nessa mesma caravana também encontrava-se Loredano, um italiano que desejou a moça assim que a viu. Assim que chegou Peri foi olhar sua adorada e viu vultos e reconheceu os dois aventureiros que rondavam próximos ao quarto de Cecília e ficou em alerta.

Ao longo da história percebemos a dedicação de Peri a Ceci, a altivez de D.ª Lauriana, o amor de Isabel por Álvaro, a queda de Álvaro no precipício cheio de serpentes e escorpiões, o resgate feito por Peri e a ambição de Loredano para apoderar-se da fortaleza de D. Antônio de Mariz e de Cecília.

Posterior a todas essas ações, houve a catástrofe, conseqüência da batalha entre os brancos e os Aimorés que acarretou a destruição da casa de D. Antônio e de seus ocupantes, exceto Ceci e Peri. Peri vence todos os seus inimigos e os de sua amada e por último vence a enchente que era o último obstáculo para a concretização do amor da portuguesinha Ceci e de seu estimado selvagem.

## SER O NÃO SER DO INDÍGENA BRASILEIRO

A proposta dessa análise científica situa-se em dispositivos teóricos da interpretação inscritos na história, considerando é claro, que a leitura só efetiva-se ou significa a partir de um ponto de vista, isto é, do lugar teórico-ideológico que o sujeito ocupa, pois segundo Saussure *é ele que cria o objeto*[6], (SAUSSURE, 1995). Este trabalho pressupõe o legado do Materialismo-Histórico de forma que compromete a existência de uma real da história no qual o homem faz a história, embora ela não lhe seja transparente, (ORLANDI, 1996).

Neste ensaio não haverá separação de forma, muito menos de conteúdo, pois esta análise centraliza-se na compreensão da língua escrita, não apenas como estrutura, mas também como acontecimento histórico. Da conjugação estrutura / acontecimento, a forma material concreta é conceituada como acontecimento do significante em um sujeito afetado pela história. Esta afirmação sobre o sujeito está teoricamente filiada à Psicanálise, pois esta tem como ponto central o deslocamento da noção de homem para a de sujeito, um conceito simbólico que produz sentidos, (ORLANDI, 1998).

Dada esta noção sobre sujeito e história, caímos nos mecanismos de produção da linguagem, nos quais observa-se a relação língua / ideologia no processo de construção dos sentidos por / para sujeitos, (ORLANDI, 1999).

Apresentei intencionalmente essa noção de sujeito, já que esta análise busca na sua centralização a construção do sujeito indígena, a partir do olhar histórico, no âmbito, é claro, do Romantismo Brasileiro. Esse movimento literário é carregado de traços, que

---

[6] SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de Lingüística Geral. p. 15. Editora Cultrix, São Paulo: 1995.

identificam a forma patriota, isto é, do espírito nacional. É pensando nesse aspecto que quero expor imediatamente "Peri" e "Iracema", como objeto desta análise que se segue.

Como campo de análise, o Romantismo Brasileiro enraizou-se como escola literária graças ao coroamento do romance. A prosa se destacava mais ainda neste momento pela diversidade nos gêneros, tendo em vista que as circunstâncias favoreciam a produção de crônicas, histórias e até mesmo críticas que envolviam acontecimentos sociais e políticos, embora este último gênero engatinhasse nessa época, (SODRÉ, 1995).

O movimento romântico foi considerado como um claro esforço em traduzir os valores nacionais, isto é, os de nossa gente, por isso, é muito compreensiva a busca de um herói, que simbolizasse o país. Com esse anseio surgiu na figura indígena a representação de brasilidade tão almejada pelos românticos.

No processo de construção de uma literatura de cunho nacional existiu a marca da interdependência rigorosa entre a história e o movimento literário, neste caso o Romantismo no Brasil. Por respeito a essa historicidade é relevante considerar o *antes* da inauguração do indianismo, a existência da concorrência dos negros e dos índios, os quais disputavam o lugar de herói brasileiro, na escola Romântica. Entretanto, o negro era estrangeiro como os portugueses e discriminado como ser ruim de natureza e de origem. Em contraposição ao negro, o índio era bom por natureza e por origem, qualidades que atraíram românticos como José de Alencar em "O Guarani" e em "Iracema".

Essa abertura romântica impressionou e foi consagrada pela receptividade dos leitores, haja vista que o indianismo acatava o forte desejo de afirmação literária, que era motivada pela conquista da Independência do Brasil. Já que o país alcançou a

liberdade econômica e política de Portugal, buscou também a independência literária, por isso procurou profundamente exaltar a beleza natural da jovem nação e principalmente seus ocupantes brasileiros por origem e por natureza. Essa nova temática buscou na exaltação do índio, a exaltação do nacional.

Já que a fórmula de glorificar o país, o nacional era através da figura brasileiríssima do índio, criou-se uma imagem ideal do herói indígena, sendo isso notável nos romances "O Guarani" e "Iracema" de José de Alencar. Essas duas obras dão-nos uma clara visão de como são os heróis nacionais. Eles são descritos como criaturas irreais, inseridas num Brasil real e arbitrário, (SODRÉ, 1995). Tal modelo personificado trazia consigo a bondade, inocência, a fidelidade, a simplicidade, a beleza física, a honestidade, a bravura, a obediência e a honra. Tais características podem ser facilmente confirmadas nos fragmentos das obras alencarianas, conforme abaixo demonstrado:

> *Não há dúvida, disse D. Ant6onio de Mariz, na sua cega dedicação por Cecília quis fazer-lhe a vontade a risco de vida. É para mim uma das coisas mais admiráveis que tenho visto nesta terra, o caráter desse índio. Desde o primeiro dia que aqui entrou, salvando minha filha, a sua vida tem sido um só ato de abnegação e heroísmo*[7].
>
> *Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que asa de graúnas e mais longos que seu talhe de palmeira (...) O favo de Jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado*[8]...
>
> *A formosa selvagem desfez-se em riso, como se desfaz a flor do fruto que desaponta; e foi debruçar na espádua do guerreiro. (ALENCAR, 1998. p. 58)*

Nos fragmentos acima percebe-se que tanto a figura indígena masculina quanto a feminina apresentam características de seres fantasiosos e especiais por sua beleza,

---

[7] ALENCAR, José de. O Guarani _p. 45. Editora Ática: 1996.
[8] ALENCAR, José de. Iracema. p. 16. Editora Ática: 1998.



UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

abnegação e força de caráter, que chagam a ser admiradas pelo colonizador português, D. Antônio de Mariz, que diz enfaticamente que o comportamento de "Peri" "é uma das coisas mais admiráveis que tenho visto nesta terra, o caráter deste índio" (p. 45) e vai além no seu discurso sobre o ser colonizado, que orgulhosamente compara o selvagem a um cavalheiro português. Observe a transcrição a seguir: *Crede-me, Álvaro, é um cavalheiro português no corpo de um selvagem*[9].

O texto fragmentado acima vem confirmar que a ideologia está na posição que o sujeito ocupa, (ORLANDI, 1996). No caso D. Antônio de Mariz está no lugar de colonizador, de descobridor e de conquistador, enquanto que o sujeito índio está no lugar de colonizado, de descoberto e de conquistado. Esse discurso português sobre o índio, o coloca como objeto de observação e tratável, por isso no processo de identificação cultural nacional passa pelos mecanismos da pacificação, isto é, da domesticação. Tais mecanismos estavam associados à real e histórica imposição de cultura, embora no romantismo alencariano, o índio estivesse no seu 'habitat' natural, porém, muito próximo do branco europeu e de seus valores. O resultado desse 'pacificar', segundo a Análise do Discurso (AD) está imbricado ao desaparecimento da cultura indígena e também de eliminar todo tipo de resistência, (ORLANDI, 1990). E para comprovar o argumento, podemos atentar para os seguintes fragmentos de "O Guarani" e de "Iracema":

> *Não faça caso, Cecília, replicou Isabel reparando na melancolia da moça; pedirás a meu tio para caçar-te outro que farás domesticar, e ficará mais manso do que o teu Peri. (...) como queres que te trate um selvagem que tem a pele escura e o sangue vermelho? Tua mãe não diz que um índio é um animal como um cavalo ou um cão*[10]*?...*
>
> - *Podes partir. Iracema seguirá teu rastro; chegando aqui verá tua seta e obedecerá a tua vontade*[11].
> - *- O coração da esposa está sempre alegre junto de seu guerreiro e senhor. (ALENCAR, 1998_p. 58)*

No processo histórico de significação os dois primeiros trechos transcritos acima de "O Guarani" instalam-se as relações de poder que garantem um embate entre

[9] ALENCAR, 1996_op. cit. p. 45.
[10] ALENCAR, 1996_op. cit. p. 35
[11] ALENCAR, 1998_op. cit. p. 67

portugueses e índios. Esse embate resguardou aos portugueses um lugar privilegiado e aos índios, o de animais selvagens, que devem ser domesticados para relacionar-se com os brancos. O que segue no dois últimos fragmentos demonstram que a figura indígena feminina foi focalizada por outro prisma, isto é, não como animal selvagem, mas como filha de Araquém, da tribo dos Tabajaras. A índia Iracema foi constituída de acordo com a história de sua tribo, que era carregada por costumes, hábitos e crenças, ainda que romanticamente envolvida com o português Martim. Imagem bastante nítida no trecho a seguir: - *A filha do Araquém é mais forte que os chefes dos guerreiros, disse Iracema travando da inúbia. Ela tem aqui a voz de Tupã que chama seu povo*[12].

Nesse processo de análise é válido verificar que tanto em "O Guarani" quanto em "Iracema" construiu-se os personagens como seres imaginários idealizados, isto é, sujeitos que se adaptam com facilidade ao meio (branco) sem que haja qualquer choque cultural. Sob o olhar de uma teoria científico-filosófica, inscrita na história, é que a Análise do Discurso postula que a constituição da identidade nacional está associada indissoluvelmente ao discurso histórico, no qual o homem se constrói e desempenha um papel forte na sua constituição. Assim, na dimensão memoriável do sujeito, apresenta o que deve ser dito e o que deve ser esquecido, ou seja, excluído, dependendo, é claro, do contexto sócio-histórico e da ideologia em que discurso é declarado, seja ele oral ou escrito (ORLANDI, 1995).

É nessa perspectiva que o índio foi lembrado como ser bastante "civilizado" nas obras em análise para não comprometer essa idéia fantasiosa dos primeiros habitantes, ou a personificação da identidade nacional, é por isso que se excluiu certos aspectos da história do índio brasileiro, pois certamente manchariam o ideário herói nacional,

[12] ALENCAR, 1998_ op. cit. p. 27.

(SODRÉ, 1995). Observe os trechos abaixo, pois eles retratam o índio como ser submisso e obediente, o que de certa forma podemos dizer que há um "apagamento histórico do sujeito", (ORLANDI, 1990).

> *Havia dois dias que não via sua senhora, que não recebia dela uma ordem, que adivinhava um desejo para satisfazê-lo imediatamente (...) Era feliz. Tinha visto sua senhora; estava alegre, contente e satisfeito; podia ir dormir e repousar*[13].
>
> *...Iracema não pode ser tua serva. É ela que guarda o segredo de Jurema e o mistério do sonho*[14].
> *- Ela não é mais do que Iracema a virgem dos lábios de mel, nem mais formosa! Murmurou o estrangeiro (ALENCAR, 1998_p. 24.)*
> *- Manda. Iracema te obedece. Que ela pode para tua alegria. (ALENCAR, 1998_p. 24.)*

Conforme atestam os trechos transcritos acima, os heróis brasileiros estavam extremamente ligados a um senhor ou a uma senhora, oriundos de Portugal. Embora a literatura buscasse cantar o país numa tentativa de desvincular-se das influências lusitanas, os heróis estavam estreitamente ligados à dominação portuguesa, (SODRÉ, 1995). No caso de Peri, personagem de "O Guarani", está dominado pelo sentimento de idolatria pela portuguesinha Cecília e através deste fascínio o herói faz toda e qualquer vontade de sua senhora. De forma semelhante a heroína Iracema se submete ao português Martim por amá-lo e por sentir-se de alguma forma amada.

> *...Peri adorava... o selvagem se mataria, se fosse preciso só para fazer Cecília sorrir*[15].
>
> *Já o estrangeiro a preme ao seio; e o lábio ávido busca o lábio que o espera, para celebrar nesse adito d'alma o himeneu do amor (...)- Manda; Iracema te obedece. Que ela pode para tua alegria*[16].

---

[13] ALENCAR, 1996_ op. cit. p. 50.
[14] ALENCAR, 1998_ op. cit. p. 21.
[15] ALENCAR, José de. O Guarani. p. 52. Editora Ática. São Paulo: 1996.
[16] ALENCAR, José de. Iracema. p. 44. Editora Ática. São Paulo: 1998.



Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

Nessa relação de contatos entre culturas, povos e histórias distintas estão as influências que constituem o sujeito-índio e sujeito-brasileiro, embora essas duas noções cheguem a limites confusos e bastante contraditórios na sua essência. No decorrer da história, o conceito de índio e de brasileiro foi e é determinado pelos processos de construção de sentidos fixados pela ligação colonizador-colonizado. Dessa forma, a identidade do índio estava presa a um imaginário nacional e a do brasileiro como parte do funcionamento imaginário social, (ORLANDI, 1990). Sob essa perspectiva que verifica-se a ideologia do homem branco ou até mesmo a influência da cultura estrangeira na postura de "Peri", herói de "O Guarani", que inserido no contexto do homem lusitano apodera-se dos valores culturais de outrem como se fossem naturais em si. Observe no fragmento essa questão apontada:

> *Ergueu-se estão, e sem mesmo dar-se ao trabalho de arrancar a seta de um só movimento tornou à cinta as pistolas que tinham recebido de sua senhora e despedaçou a cabeça dos selvagens*[17]...

Ao analisar o fragmento acima de "O Guarani" e outros que o antecederam demonstram com clareza que a questão da construção da identidade nacional apresentava-se na figura do herói desde características físicas até atitudes civilizadas e generosas, as influências dos modelos propagados na Europa, (SODRÉ, 1995).

Ainda analisando este último fragmento percebe-se que o aborígine, Peri, executa a tiros de pistola um grupo indígena para proteger Cecília, sua senhora. Nessa obra, fica notório que a portuguesa Cecília é a vítima e Peri seu anjo da guarda, que dá cabo à vida de seus irmãos de origem para defende-la.

---

[17] ALENCAR, 1996_ op. cit. p. 63.

A idealização do herói nacional foi montada pelo avesso, pela negação à tradição cultural do povo indígena, ou seja, o símbolo nacional foi produto criado das relações de poder e não da exaltação do aborígine e de sua cultura num estado puro e natural, sem as influências do meio externo. O indianismo no Brasil correspondeu ao anseio de glorificar através do nativo brasileiro, o sentimento nacional e de garantir a tão sonhada autonomia literária, (SODRÉ, 1995). Para comprovar este argumento vamos atentar para os fragmentos abaixo de "Iracema", nos quais exalta-se a beleza da índia e o mistério que a envolve e em "O Guarani" a superioridade do índio nas lutas, tudo com o claro objetivo de elevar o sentimento patriota e de ganhar lugar no "ranking" dos países livres econômica, política e literariamente do seu descobridor.

> *...Álvaro sabia que só um homem podia lutar com ele, e levar-lhe vantagem em qualquer arma, e esse era Peri; porque juntava à arte a superioridade do selvagem habituado desde o berço à guerra constante que é sua vida*[18].
> *Peri mostrando nos movimentos toda a força muscular de sua organização de aço... (ALENCAR, 1996. p. 113)*
> *- Peri só defenderá sua senhora: não precisa de ninguém. É forte; tem como a andorinha as asas de suas flechas; como o cascavel o veneno das setas; como o tigre a força de seus braços; como a ema a velocidade de sua carreira. Só pode morrer uma vez; mas uma vida lhe basta. (ALENCAR, 1996_p. 157).*

> *Os beijos de Iracema são doces no sonho; o guerreiro branco encheu deles sua alma. Na vida, os lábios da virgem de Tupã amargam e devem como o espinho da Jurema*[19]
> *...A formosa filha do sertão com a volta do esposo reanimou-se, e sua beleza esmaltou-se de meigos e ternos sorrisos. (ALENCAR, 1998_p. 69)*

Nos trechos acima de "Iracema" e de "O Guarani" fica evidente o esforço de encontrar adjetivos nos heróis indígenas, dos quais a nação brasileira pudesse exibir seu orgulho, sem que nada devesse a Portugal, (SODRÉ, 1995). Deste modo, a exaltação do

[18] ALENCAR, 1996_ op. cit. p. 111.
[19] ALENCAR, 1998_ op. cit. p. 45.

índio foi o único recurso de elevar o conceito do nacional brasileiro, que não tivesse sido importado de outros países e indiscutivelmente de Portugal, considerando sua importância como colonizador. Em conseqüência a estes fatos da história, que a jovem nação buscou tornar-se independente em todos os aspectos que correspondem à palavra "LIBERDADE". Assim, o indianismo no Brasil foi o instrumento literário, que declarou a "altos brados" a essência da beleza natural que possuía este país. Observe a noite visualizada pelo romântico Alencar no capítulo XVI de Iracema.

> *...continuaram a caminhar, e com eles caminhava a noite; as estrelas desmaiaram, e a frescura da alvorada alegrou a floresta. As roupas da manhã, alvas como o algodão, apareciam no céu*[20].

E ainda continua sentimentalmente descrevendo do nascer do sol nas águas do mar.

> *Verdes mares, que brilhais como líquida esmeralda aos raios do sol nascente, prolongando as alvas praias ensombradas de coqueiros ;*
> *Serenai, verdes mares, e alisai docemente a vaga impetuosa, para que o barco do aventureiro manso resvale à flor das águas.(ALENCAR, 1998_ p. 48).*

A descrição da natureza em "Iracema" e em "O Guarani" foi visualizada pelo olhar da perfeição, que abarca a glória e a majestade que nela existem. Seguiu-se este mesmo modelo, esta mesma forma na criação do herói brasileiro, que se construiu no Romantismo no Brasil, o indianismo, para buscar a autonomia literária e fixar profundamente o sentimento nacional, (COUTINHO, 1997). Como recorreu à figura indígena como símbolo do nacional devido à sua origem e não ao negro, porque fora trazido ao Brasil pelos portugueses, sendo que aquele (o índio) nascera e habitava esta terra, antes mesmo do inaugural grito de "terra à vista", (SODRÉ, 1995). Então por que

[20] ALENCAR, 1998_ op. cit. p. 48.

nos romances em estudo curiosamente os personagens indígenas estão em estreita relação com os personagens portugueses, sendo que estes últimos estão em evidência na construção das narrativas?

O objetivo do Romantismo, assim como o do indianismo, era negar os modelos europeus e causar um forte impacto nos colonizadores portugueses, entretanto, em "O Guarani" e em "Iracema" existe uma certa descentralização do alvo que se queria atingir, (COUTINHO, 1997). Dentro das limitações que marcavam o Romantismo Brasileiro, eram inevitáveis as influências histórico-sociais que acarretaram nessas produções literárias, ares de inautenticidade, (SODRÉ, 1995). Porém, não podemos negar que o elemento utilizado para representar o país, fosse de total relevância, dada sua origem e sua natureza. A cerca deste ser idealizado para herói, volto a apresentar a relação entre o imaginário e o simbólico, que ideologicamente foi produzido, de modo que funcionasse como – se – fosse (simbólico) e o faz – de – conta (o imaginário), para que o índio brasileiro pudesse atingir as qualidades necessárias para ser considerado digno de representar o Brasil.

No romance "O Guarani", Peri vive num ambiente branco – europeu e relaciona-se profundamente com valores de outro povo e acaba por adquirir certos costumes que lhe eram estranhos como seus, e esquece os seus como se nunca tivessem existido. Nesse romance o índio Peri como todo herói é o salvador e, curiosamente o vilão, que deve ser derrotado pelo índio é o personagem italiano chamado "Loredano" e não o português "D. Antônio de Mariz" como se pressupõe nas linhas escritas, que fundamentam o Romantismo, (SODRÉ, 1995). Observe a descrição do vilão:

> *Loredano ficou um momento abatido pela fatalidade que pesava sobre ele; mas pouco a pouco foi recobrando a calma, animando-se, por fim sorriu. Para que sorrisse era necessário que alguma*

*inspiração infernal tivesse subido do centro da terra à essa inteligência voltada ao crime*[21].

Neste trecho de "O Guarani" há descrição exata da figura vilã de "Loredano" e de sua aguçada inteligência criminosa. Assim como no romance acima citado, em "Iracema", a história desenvolve-se através do personagem masculino central, Martin, um português cavalheiro, e respeitador da cultura de nossa heroína Iracema, (SODRÉ, 1995). Esses dois elementos lusitanos colocados nesses romances supracitados são aqueles cujas ocupações são de senhores de terras e de escravos, e não os que transformam a sociedade com o trabalho, sendo notório nos fragmentos abaixo transcritos:

> *- Venho de bem longe, filha das florestas. Venho das terras que teus irmãos já possuíram, e hoje têm os meus*[22].
> *...D. Antônio de Mariz... Em 1567 acompanhou Mem de Sá ao Rio de Janeiro, e depois da vitória alcançada pelos portugueses*[23]...
> *...Nesta terra que me foi dada pelo meu rei, e conquistada pelos meus braços, nesta terra livre, tu reinarás, Portugal... (ALENCAR, 1996_ p. 19.)*

Outro ponto fundamental nesta análise é a questão da religiosidade exposta ao herói ao longo das narrativas ainda que em "Iracema" haja todo um ritual envolvendo o "mistério de Jurema" guardado pela índia Iracema, não poderíamos deixar de observar que o cristianismo caminha muito próximo do contexto do grande deus Tupã, isto é, na mesma tribo, a dos Tabajaras. No romance "O Guarani", Peri que vive no ambiente cristão adota o Deus que sua senhora ensina a temer como o seu Deus. Essa conversão do índio oficializa o processo da dominação branca e conseqüentemente a submissão do índio a essa tal dominação. Em suma a religião desde os primórdios está a serviço de um grupo social e no período romântico não foi diferente, pois não é fácil dominar o

---

[21] ALENCAR, 1996_ op, cit. p. 165.
[22] ALENCAR, José de. Iracema. p. 22. Editora Ática. São Paulo: 1998.
[23] ALENCAR, José de. O Guarani. p. 18. Editora Ática. São Paulo: 1996.

índio, considerando o estado de pecado e desorganização social que é sua vida "antes" da conversão e depois dela o indígena encontra-se num estado de graça e civilizado, embora que a figura heróica veiculada pelo Romantismo trazia na sua essência todas as características do bom cristão, até porque Peri já era adorador de Ceci, pois a idolatria ofuscava-lhe a razão e a sua própria vontade, assim também ocorre na religião. Observe abaixo o trecho que apresenta a iniciação da catequese de "Peri" feita por "Ceci" e na segunda transcrição o símbolo do cristianismo usado pelo indígena acima referido:

> *Ceci vai te ensinar a conhecer o Senhor do céu, e a rezar também e ler bonitas histórias*[24]...
> *Peri sorriu... e tirou do pescoço a cruz de ouro que Cecília lhe havia dado... Peri dizia à menina que lhe dava aquela cruz com lembrança... (ALENCAR, 1996_ p. 232.)*

Historicamente, o índio no Brasil, desde os meados do século XVII vinha sofrendo agressões e em algumas regiões do país já estavam sendo massacrados, pelos portugueses ou ainda alteravam irremediavelmente a cultura dos que sobreviviam ao ataque subjugando-os de modo que tornassem escravos deles, porém estes dados históricos inviabilizariam a tematização do índio para exibição da consciência nacional. Assim, acontecimentos que marcaram negativamente a imagem do Brasil, passaram por um apagamento ideológico, que foi silenciado pela literatura, precisamente pelo indianismo romântico de José de Alencar na caracterização do índio como herói nacional. A aplicação desse mecanismo de exclusão de fatos da história, a meu ver, já era fruto da dominação branca.

Ao longo desta análise percebi que o índio é sujeito da história, assim como está sujeito na literatura. Esta também é fruto da história. A criação do modelo ideal nasceu da necessidade de exaltar a perfeição existente no Brasil lá fora, por isso "Peri" e

[24] ALENCAR, 1996_ op. cit. p. 158.

"Iracema" são estereótipos, do imaculado da formosura e da bondade, qualidades que causariam uma certa inveja nos europeus e orgulho nos brasileiros.

Ao analisar a figura indígena masculina em "O Guarani" fica notório a influência dos valores e da história da família portuguesa, que o nosso "Peri" convive. Por esta razão a obra apresenta variadas vezes atitudes características dos portugueses em "Peri". Este índio é domesticado, que chega ser leal como um cão ao seu dono, porém forte, destemido, honrado como todo bom herói deve ser. Já, ao estudar "Iracema", percebi que a figura feminina é focalizada diferente, pois ela é endeusada e existe um misticismo que a envolve, dando a ela ares de uma figura lendária do povo Tabajara. Iracema, não é uma heroína comum, mas é vista como "a filha de Araquém", chefe da tribo. Esta índia deixa seu povo para seguir os caminhos traçados por seu coração para chegar-se a Martin, o colonizador português, embora ela não tenha deixado de sentir-se como membro do povo adorador de Tupã.

Segundo alguns críticos renomados, o romance Iracema é a epopéia brasileira, que narra a história da origem do povo brasileiro, daí todo o primor que envolve a obra. De um lado Iracema, índia nobre por descendência e do outro o corajoso colonizador Martin. Unem-se para gerar esta nação metaforizada com o nascimento de Moacir, menino que é levado pelo pai para Portugal para ter a instrução que é devida a "todo e bom brasileiro".

Para concluir este estudo quero deixar claro que a construção do sujeito – índio, não passa pela historia, mas se faz na história. Este sujeito – índio e herói – nacional passa pelo mesmo processo de construção dos sentidos que estão cristalizados pela historicidade que envolve a colonização do Brasil e o forte desejo de independência literária. Enfim, dizer que, o indianismo no Brasil foi a maior manifestação da sociedade

da época considerando a sua formulação literária especial, pois a valorização do índio era o alicerce para temática rica e agressiva que expressava os anseios de autonomia literária, que foi difundida largamente lá fora, tanto que, foi através do indianismo que a literatura no Brasil deu um largo passo para o seu desenvolvimento.

# CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho de análise sobre a construção do índio nas obras alencarianas "O Guarani" e "Iracema" não deparei com dificuldades na delimitação do objeto de pesquisa, pois sempre interessou-me realizar estudos a respeito da enigmática figura indígena brasileira, no campo romântico. Outro ponto que não tive obstáculo foi na exposição da teoria que subsidiou este ensaio monográfico, porém, elaborei várias vezes certos aspectos importantes na análise, porque estava muito influenciada pela teoria científico-filosófica, à qual estou filiada. Essas correções foram necessárias para não comprometer o desenvolvimento da tarefa à qual me propus.

O desenvolvimento desta empreitada foi consideravelmente bom, tendo em vista a disposição de material bibliográfico, que possibilitou a confecção e organização da tarefa de análise conforme prevista no projeto de pesquisa. Entretanto, este trabalho poderia ter sido mais rico, mais fundamentado, se houvesse maior disponibilidade de tempo.

A conclusão deste, foi muito positiva a meu ver, pois foi um passo largo que dei na caminhada do conhecimento.

A partir do estudo sobre a figura do índio constatei que desde a descoberta do Brasil, o indígena estivera a mercê das idéias de homens brancos e hoje, ele continua debaixo do domínio dos chamados civilizados, que até elaboram leis para proteger essas criaturas, mas, proteger de quem, senão da própria sociedade de "homens brancos".

# REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFIA


ALENCAR, José de. O Guarani. Editora Ática, São Paulo, 1996.

ALENCAR, José de. Iracema. Editora Ática, São Paulo, 1998.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda e MARTINS Maria Helena Pires. Filosofando: Introdução à filosofia. Editora Moderna, São Paulo; 1996.

ARRUDA, José Jobson de A e PILETTI Nelson. Toda a história. Editora Ática, São Paulo: 1998.

BOSI, Alfredo. História Concisa da Literatura Brasileira. Cultrix, São Paulo, 1996.

COUTINHO, Afrânio. A literatura no Brasil. Global Editora, São Paulo, 1997.

CANDIDO, Antonio. Literatura e Sociedade / estudos de teoria e história literária. Cia Editora Nacional, São Paulo, 1996.

FILHO, Domício Proença. A linguagem literária. Editora Ática, São Paulo: 1995.

JÚNIOR, Benjamim Abdala e CAMPADELLI Samira Yousset. Tempos da literatura brasileira. Editora Ática, São Paulo, 1990.

ORLANDI, Eni P. Discurso e Literatura. Cortez Editora. São Paulo, 1996.

_____ Terra à vista – Discurso do confronto: velho e novo mundo. Cortez Editora, São Paulo: 1990.

_____ Análise do Discurso: princípios e procedimentos. Editora Pontes, São Paulo, 1999.

PINO, Angel. O conceito de mediação semiótica em Vigotsky e seu papel na explicação do psiquismo humano. In.: Caderno SEDES, 24 pp. 32-43. Campinas – SP. Papirus.

SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de Lingüística Geral. Editora Cultrix, São Paulo, 1995.

SODRÉ, Nelson Werneck. História da Literatura Brasileira. Bertrand Brasil, São Paulo, 1995.

SOUZA, Roberto Acízelo. Teoria da literatura. Editora Ática, São Paulo, 1995.